

NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

(APONTAMENTOS D'UM TOURISTE)

CAFÉ DE LA PAIX



A' chegada a Paris, somos prevenidos pelos reporters dos jornacs, em artigos de blague, que os cafés cada vez se assemelham mais, a desaforadas cavernas de ladrões. A mais reles *consommation* custa uma continha calada... os creados apupam quem lhes não dá vinte francos de gorjeta... Evitemos pois os cafés!



Se a cerveja está cara, o amor, mesmo o instantaneo, o avariado mesmo, é duzentas vezes ainda mais caro do que a cerveja. Ai! felizes dos que podem dormir sós...

Nos restaurants, a pillagem attinge formas completamente insolitas e furiosas. Um pedaço de sola, servida em primeira mão nas botifarras d'um cocheiro, é offerecida mais tarde ao viajor, por quarenta francos, sob a forma do roast-beef. Uma *potage* de persevejos de *garni*, custa trinta francos. Evitemos tambem os restaurants...



—Felizes dos que teem forninho no cubiculo aonde se abrigaram, e dos que podem cosinhar elles mesmos os seus menus!



E escanhoar-se, lavar-se, engommar-se, engraxar-se, ajanotar-se...



para ir depois, frescos e dispostos, comprar tickets para a exposição.

CONCLUE NA PAGINA SEQUINTE



A fome aperta-nos porém. E quem tiver pouco dinheiro, morre de fome. Há só um genero barato, relativamente barato. É a Vênus de Milo, em chocolate. Mas vem-nos à memoria, aquelle famoso caso que os annuncios da *Revolucione de Tallain* — os companheiros de Franklin mortos de fome ao lado de grandes saccos de cacau... Felizmente que o chocolate francez não tem cacau nenhum! Toca a manducar Vênus de Milo, a deusa do amor applicada ao fomento da enterite.



E o furor dos botequineiros de Paris, dos donos de restaurants, e das *cocottes*, não se descreve, perante este desdem do estrangeiro, pelas formulas já um pouco rançosas da sua gentileza, que envolvem a indole mais cupida, e mais egoistamente grosseira de que ha memoria.

Por ahi...



O povo deve estar com a barriga cheia de divertimentos. Não lhe succederá outro tanto com respeito a pão, no correr de todo o anno, mas, como lá diz o proloquio que «nem só de pão vive o homem» — o que parece significar ser a folia um condimento indispensavel para a boa digestão—corrente está que, uma semana por outra, o povo encha a barriga de distracções.

E esta semana encheu-a, como vulgarmente se diz, até lhe tocar com o dedo!

Todas as festas tem vesperas e este anno a festa do sr. S. João teve a melhor de todas as vesperas, por isso que cahiu ao domingo, dia já de si consagrado ás delicias da alma com missa na freguezia, bem como ao prazer do corpo com torrejano fóra de portas.

Consultando a secção *O que hoje ha*, do *Diario de Noticias*, vemos nós que, em cada um dos dois dias santos que a semana teve emparelhados se realizaram em Lisboa nada menos de 24 bailes campestres, ou seja um total de 48 bailes distribuidos por 48 horas—isto é, um baile por hora!

Proseguindo nos nossos calculos de orçamentologia, supponhamos que foi de 200 a media de pares polkantes, valsantes e quadrilhantes que em cada um d'esses bailes quadrilharam, valsaram ou polkaram.

Temos pois um total de 9:600 pares, ou 19:200 pessoas que durante quarenta e oito horas deram ás pernas nas valsas, isto é, 38:400 pernas um movimento activo, tanto em honra do sr. S. João Baptista como em holocausto ao sr. Justino Soares!

E depois venham cá dizer-nos que o nosso povo é um povo inerte, um povo indifferente, um povo morto, que se não meche para nada nem mesmo quando lhe tocam a pavana...

Pois não lhe toquem a pavana: toquem-lhe polkas-mazurkas e verão como elle se meche, senão para os emprehendimentos do progresso, ao menos para os bailes campestres.

O nosso povo tem por excellencia a indole dos donativos.

Sempre que sua magestade a rainha — por antonomasia *O anjo da caridade*—abre as candidas azas n'algun rasgado vôo de phylantropico altruismo, o povo, se não n'a acompanha pelas alturas, porque a tanto lhe não chegam as azinhas implumes, segue-a comtudo pipilando cá de baixo, como os perdigotos, quando se lhes levanta a mãe. Outro fosse elle, que alguma vez lhe respondesse como o passarinho trigueiro: — tenho as azas queimadas, não posso agora...

Pode sempre, honra lhe seja!

Tão amigo de dar, este nosso bom povo, que Prudhomme não duvidaria por certo classificar-o d'esta sorte, no seu canhenho de observações:

Povo portuguez — Filho moral de sua magestade a rainhã mais do sr. conde de Franco.

Assim, tão amigo de dar aos pobres nas kermesses, não lhe fica mal que tambem goste de dar á perna nas valsas e de dar á lingua nas horas vagas.

Faça-se pois ideia do que elle daria á perna e mais á lingua, tendo quarenta e oito horas vagas como teve esta semana para dividir por aquelles dois mesteres!

Na Praça da Figueira era de ensurdecer! Chegou a parecer impossivel como a lingua, um órgão tão mole e relativamente tão pequeno, conseguia produzir um semelhante enthusiasmo e uma semelhante confusão!

Ainda se se desse a confusão das linguas, como dizem haver succedido na torre de Babel, lá se explicava a confusão e até mesmo o enthusiasmo...

Mas, não, senhores: fallavam todos a mesma lingua e pessoa alguma se entendia—com excepção apenas d'um vendilhão e d'uma colareja que nós vimos n'um canto retirado, e que, segundo todas as apparencias, se entendiam ás mil maravilhas...



Na camara dos deputados, apesar de não faltarem colorejas nem vendilhões, é que ninguem se entende.

A discussão do projecto Salamanca-Leixões, que a opposição classifica de *tramoia* e os governantes denominam de alta medida financeira, veio mais uma vez demonstrar que a politica é effectivamente um binculo por onde os que governam vêem as coisas d'um lado e os que querem governar as observam do outro lado. E d'ahi resulta que, o que aos primeiros se mostra muito proximo e muito grande, aos ultimos se afigura muito pequeno e muito distante.



A questão *Salamanca-Leixões* resume-se n'isto pouco mais ou menos:

O negocio de Salamanca estava sendo uma verdadeira sombra do Banco para todos os bancos portuenses.

Pela sua parte, o negocio de Leixões representava uma das maiores espigas que o paiz tem apanhado e cujas praganas ameaçavam engasgal-o, se continuassem a entrar-lhe pelas guelras do thesoiro dentro e elle não tivesse força de cuspir tudo cá para fóra.

Os bancos estavam atrapalhados com Salamanca, o governo estava atrapalhadissimo com Leixões.

N'estas circumstancias, que fazer, de sorte a salvar os bancos das garras de Salamanca, salvando ao mesmo tempo o governo das unhas de Leixões?

Haviam-se empregado já todos os meios que a prophylaxia financeira aconselha n'estes casos, mas o certo é que ambas as doenças medravam a olhos vistos e que portanto ambos os enfermos iam de mal para peor. Que fazer, pois?

—Appellar para a homoeopathia, que é o bem parado de todos os doentes desesperados das tisanas ordinarias e cuja enfermidade foi reputada como incuravel.

Eis ahi o que se fez!

O negocio de Salamanca era uma espiga medonha?

—Era.

O negocio de Leixões era outra espiga medonha?

—Tambem era.

Muito bom. Juntem-se estas duas espigas medonhas n'uma só espiga mais medonha ainda, e fica o governo livre da espiga de Leixões, e ficam os bancos livres da espiga de Salamanca!

Assim como duas negativas valem uma affirmativa, visto que *não não* quer dizer *sim*, assim tambem de dois males juntos se pôde fazer um bem que aproveite a todos...

E aqui está como o governo, que ainda recentemente fez prender o sr. Eduardo Maia, por não concordar com as suas doutrinas politicas, acaba de lhe fazer o maior dos elogios concordando em absoluto com o seu systema de medicina.

D'onde mais uma vez se prova que ninguem pôde dizer «d'esta agua não beberei, nem d'este Maia não provarei.»

João Saraiva

Sberodes

Noticiam os jornaes que o sr. Oscar May, professor de geographia, ao que se diz, está tendo um successo colossal nas salas do lyceu, onde parece exercer com facundia o papel d'examinador.

Não se pôde dizer que Oscar seja um grande vulto, e que o applauso da gloria lhe tenha bisnagado a figura, desde o berço. Entanto elle faz tudo quanto pôde para sahir do nivel commum dos homens parcamente intellectuaes, e eil-o ahi vag pela vida fóra, cusiando o que os almanaks de receitas aconselham, para a realisação do typo celebre. Tinha nascido sob um signo de mediania mais que necessaria a conquista da felicidade, pela venda do presunto e dos assucars de caixa, mas o destino, incorrigivel *blagueur*, farto de rir das cambalhotas que vira fazer a outros trasviados, no campo da litteratura e da sciencia, quiz completar a *troupe*, empurrando mais este p'ra regiões superiores á receptividade psychica dos cerebros de... via reduzida.

As primeiras tentativas d'Oscar logo prentenciaram ao mundo, ha coisa de dez annos, o *retentissement* colossal que o seu nome depois havia ter, na ença das rapozas em que hoje triumpho. Começou litterato, escrevendo biographias d'actrizes n'um jornal chamado o *Contemporaneo*. Trahiu-se já n'aquellas ooninhas um espiritosinho methodico, que se dispensa de ter espirito pela nitidez calligraphica da copia, e por uma secura de linguagem, que os circumspectos chamam gravidade, e os *railleurs* classificarão por outra forma, prognosticando no craneo do escriptor, em vez de substancia cinzenta, feijoadia.



Ao encetar alguns d'aquelles seus trabalhos de Plutarcho das jovens gaiivotas debutantes, nos theatros da rua dos Condes e do Principe Real, Oscar punha de parte, systematicamente, os detalhes que podessem servir a caracterisar o feyto da biographada, pelo receio d'escabrosidades que lhe compromettessem a austeridade, e quiçá viessem lançar sobre o intuito do escripto, alguma suspeita de brejeirice, pouco natural em naturezas de pinho da terra, como a d'elle.

×

Começava sempre por um preambulo de dez linhas acerca da arte dramatica; quando subitamente, por uma reviravolta d'artista:

—Mas apcemo nos do cavallo de Masappá onde iamoz trotando, escrevia — e fixemos os factos com a impassibilidade d'um critico... Aurora de Freitas nasceu n'uma quinta feira do mez de novembro de 185... (a data completa) em dia de chuva, e precisamente ás 4 horas e 25 minutos da tarde, no predio da travessa da Queimada, onde, —veja o leitor as coincidencias philosophicas do acaso! — hoje está uma pharmacia homoeopathica. Seguiam-se os nomes do paé e da mãe da biographada, as suas profissões, anno d'edade, e de quem eram filhos, e onde moraram. Se qualquer d'estes personagens era da provincia, Oscar pintava sempre a situação da terra, comparando-a a uma languida sultana reclinada em cochins de verdura, e com o rio a beijar-lhe os pés — que vocação de geographo! — eesmo que não houvesse na terra rio nenhum.

OSCAR-HERODES-MAY



O SONHO D' OSCAR

QUEM CHUMBOS SEMEIA, TIROS COLHE...

(Ciencia do bom homem Ricardo)

Gustavo Corvalán

Já mais a exposição d'um facto, por muito rudimentar que este fosse, desmereceu a Oscar a famosa divisão do simples e composto...

—O desempenho que a nossa gentil biographada deu ao papel d'Armida, poderá criticar-se, considerando o personagem em si, e considerando-o depois nas suas relações com a talentosa artista que ora nos interessa...

Era uma mania d'elle, dividir tudo em simples e composto, homens e coisas, deuses e histriões; até se diz que jogára as cristas com o droguista da Trindade, uma manhã, porque tendo-lhe descoberto na loja um frasco que dizia *Hydrolato simples* (água distillada) principiou a chamar burro ao homem, fundando-se prá isso em que a água, mesmo distillada, era um composto.

Esta intransigencia, digamos que lhe tem valido dis-sabores. Com alfaiates então!...

Ao primeiro que lhe vai a casa receber o dinheiro d'uma factura...

—Pode este caso ser simples ou composto, diz Oscar. O caso simples, é o prompto pagamento da conta...

Acede o alfaiate que o caso composto deve então ser o prompto pagamento da conta, mais o pagamento d'uma gorgeta—prompto também.

Oscar, fungando! E por eximir-se á esportula do moço, faz um sacrificio de consciencia (raro n'elle!) e redargue que a questão d'esta vez é muito simples. Não pagará a gorgeta.

—Mas não pagar a gorgeta, não é uma questão simples. E' o diabo!

Elle, profundo, dispõe-se-hia a achal-a composta sob um criterio mais alto e philosophico, posto desapegado as paixiunculadas do vil metal.

D'estas desavenças resulta terem achado Oscar complicado. O mesmo nome d'elle é um composto. Oscar, quereria significar homem ingenuo, propenso ás *rêveries* romanticas do norte: mas Oscar May, caramba! não se explica assim do pé prá mão. E' do May talvez, que elle investe com os rapazes do lyceu furiosamente, distribuindo como examinador sanhudo, o chumbo que o desdem da opinião n'outro tempo lhe faz engulir, como litterato sorvo e deslaçado.

Porém, senhores, que facto é este insolito e tremendo, d'uns homens que todo o mundo reputa cerebralmente inoffensivos, e que se vão encontrar depois nas escolas, arvorados em Jupiteres tonantes? Este relembra as mulheres do povo, que espancam os filhos, p'ra se vingarem da indiferença ou da antipathia dos maridos. Elle ganhou no concurso do Collegio Militar a evidencia triste de haver abusado do seu lugar de juiz, em detrimento dos creditos d'um homem, que tinha n'uma só celula cerebral mais talento do que todo o jury de patetas encarregados de julgar-o. E d'esta victoria de bastidor, filha da inanição dos poderes superintendentes, e da irreparavel decadencia das nossas collectividades scientificas, sai-a trazendo alentos p'ra estas campanhas do minusculo, em que o geographo viga nos filhos, o rancor de nunca ter conseguido notabilisar-se deante dos paes.

Não é pelas reprovações dadas com magnificencia, aos examinandos de geographia, que a philautia d'Oscar irrita o publico. A mór parte d'esses examinandos pouco sabem, além de quatro coisas da geographia physica, e de meia-duzia de banalidades da geographia commercial; e cumpre realmente erguer o nível do ensino a uma generalisação mais ampla d'ideias e de factos, sobrelevando, pelo exercicio das faculdades

criticas, aos pequenos detalhes seccos dos antigos compendios escolares. O que irrita é o tom *grand homme de province à Paris* com que elle expõe, os rodeios de pensador de Fafe de que se serve, as inextricaveis parvoizes em que elle embrulha a pergunta, desorientando assim os timidos, e tendo em mira parece que simplesmente deslumbrar os curiosos, embora essa vaidade pifia faça victimas, e lance um terror panico entre os rapazes.

Ao ir vér Oscar, o outro dia, tive a impressão d'elle se escutar a si proprio com deslumbramento, admiradissimo de realmente saber mais geographia que os examinandos. Foi a primeira vez que o achamos simples; e aquella haverá sido a primeira também, em que elle como sabio, se haja sentido triumphar de seres intelligentes. Ephemero triumpho!

Tenho a certeza de que se este homem fosse a um lyceu de provincia examinar-se em geographia, sob pseudonymo, chumbavam-no! E' que elle, sabendo geographia para as propinas que auferê, sabe realmente pouco, como geographo, e absolutamente nada, como examinando.

IREAN.



UM RAPTO FRUSTRADO



OS CAIXEIROS-GATUNOS



BERNARDINO BASTOS



JOÃO VARANDA



JOÃO MARQUES CORREIA



JOSÉ AVELINO MENDES

A policia descobriu um syndicato de caixeiros, ampla e sagazmente ramificado pelas diferentes lojas de Lisboa, cujo programma era explorar a boa fe e a falta de vigilancia dos patrões, pelo roubo da maior somma de presuntos, caixas de charutos, e garrafas de vinho e canna-branca, que possivel lhes fosse,—generos estes que o conselho de gerencia depois vendia, nos depositos e lojas de venda do syndicato.

Contava este innumerados interessados, exactamente como os outros que os governos protegem: entanto, nós apenas daremos os *croquis* dos syndicateiros renitentes, esperando que os outros tarde ou cedo virão cahir-nos sob o lapis, quando em vez de empalmarem chouriços, se lancem em salamancadas e concessões de terrenos luso-africanos.

E visto que o governo resolveu acudir aos bancos do Porto, lembramos-lhe acuda tambem ás lojas do syndicato salpicões-canna-branca, que cessados os roubos da quadrilha, ver-se-hão obrigados a fechar, crescendo herba nas ruas... etc., etc.